

Trajetórias de um recorte espacial: A região das Guianas entre a quimera e a ciência

Trajectories of a spatial cut: The Guiana region between chimera and science

Trayectorias de un recorte espacial: La región de Guayana entre la quimera y la Ciencia

Ricardo José Batista Nogueira^{1*} 

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil.

* Autor correspondente: nogueiraricardo@uol.com.br

Resumo

A proposição central deste artigo é apresentar a formação histórica, mítica e real das Guianas, cuja contribuição tem origem nos primeiros exploradores que estiveram no Novo Mundo; e ainda uma reflexão sobre os contornos da "região das guianas" esboçados historicamente, tomando como referência a discussão que a Geografia tem produzido sobre Região. Metodologicamente, realizou-se uma seleção de autores, clássicos e contemporâneos, que se dedicaram aos estudos do conceito de Região, assim como recorreu-se a autores cujos relatos de viagem enfatizaram a formação natural, histórica e cultural das Guianas. A conclusão aponta que, para a realização de qualquer delimitação regional, é necessário cautela na apuração das variáveis que poderão compor os contornos de sua extensão.

Palavras-chaves: Geografia Regional; Guianas; Região; Regionalização

Abstract

The central proposition of this article is, to present the historical, mythical and true formation of the Guianas, whose contribution originates from the first explorers who were in the New World; there is a reflection on the contours of the "Guiana Region" sketched historically, taking as a reference the discussion that Geography has produced to characterize a Region. Methodologically, a selection of authors, both classical and contemporary, who dedicated themselves to studies about the Region, was made, as well as authors whose travel reports emphasized the natural, historical and cultural formation of the Guianas. The conclusion points out that, in order to carry out any regional delimitation, caution is necessary in the calculation of the variables that may make up the contours of its extension.

Keywords: Regional Geography; Guyana; Region; Regionalization

Resumen

La propuesta central de este artículo es, presentar la formación histórica, mítica y real de las Guayanas, cuyo aporte se origina en los primeros exploradores que estuvieron en el Nuevo Mundo; se realiza una reflexión sobre los contornos de la "Región de las Guayanas" esbozados históricamente, tomando como referencia la discusión que la Geografía ha producido sobre una Región. Metodológicamente, se realizó una selección de autores, clásicos y

Recebido: 10 de abril, 2025.

Aceito: 04 de agosto, 2025.

Publicado: 11 de outubro, 2025.

contemporâneos, que se dedicaron a estudios sobre el concepto de Región, así como de autores cuyas crónicas de viaje enfatizaron la formación natural, histórica y cultural de las Guayanas. La conclusión señala que, para llevar a cabo cualquier delimitación regional, es necesario ser cauteloso en el cálculo de las variables que pueden conformar los contornos de su extensión.

Palabras clave: Geografía regional; Guyana; Región; Regionalización.

Introdução

As regiões e as divisões regionais constituem temas que atravessam a história do pensamento geográfico por diversas razões, dentre as quais podemos, primeiramente, indicar aquela que marca, de imediato, a sua característica mais elementar que é a diferença natural dos lugares, pautada no empirismo, na observação. Em segundo lugar, é importante indicar outro procedimento que, muitas vezes está associado ao primeiro, a nomeação, ou seja, a toponímia possui um significado poderoso na medida em que não apenas a identifica como também possui a capacidade de aglutinar pessoas que se identificam a partir da nomeação.

Podemos acrescentar outros elementos que nos remetem ao problema da região e seus limites, a divisão regional: a primeira diz respeito à sua extensão, as características que foram fundamentais para dar unidade, (características essas que podem ser de diversas ordens), e a partir de que momento começam os elementos de diferenciação, e conseqüentemente, a existência de outra região. O segundo elemento é o tempo, a história, a duração e as mudanças que podem alterar as marcas, ou características que até então eram definidoras de seus limites. Porém, um terceiro elemento que ganha relevância neste tema é o estabelecimento de relações, vínculos e trocas existentes entre os lugares que encerram por definir um limite, uma extensão da região a partir da intensidade desses vínculos.

Identifica-se a partir das fontes históricas, que uma região e seus possíveis contornos ou recortes exigem mais que uma simples 'observação' de elementos que a compõem, colocando em questão o quê e quem incluir ou

excluir, afinal, uma ferramenta chave nesse entendimento é a existência de unidade! A construção de uma unidade regional pode se dar, também, a partir de processos identitários entre as pessoas que aí habitam, os vínculos entre elas construídos culturalmente, algo que nem sempre está na paisagem.

Não é nossa pretensão aqui traçar o percurso sobre o conceito de região, afinal acreditamos que, até o momento, o que foi produzido no Brasil por Correa (1986), Gomes (1995), Lencioni (1999) e Haesbaert (2010) e no exterior, desde La Blache (2012), passando por Juillard (1965), Brunet (1967), Fremont (1980), Claval (2007), dentre outros, nos permite manejar teoria e realidade para compreender identidades, diferenças, materialidades, limites e processos na formação, e mesmo alteração, de uma região.

Aqui trataremos especificamente de uma região localizada no Norte da América do Sul, enfocando, num primeiro momento do artigo, suas origens, que remetem ao século XVI, e num segundo momento apresentaremos as disputas territoriais existentes e algumas ponderações sobre os seus limites atuais: a região das Guianas, cuja formação histórica deu origem a países estranhos à colonização ibérica e hoje composta pela República da Guiana (ex-colônia inglesa), a República do Suriname (ex-colônia holandesa) e a Guiana Francesa, oficialmente reconhecida como uma coletividade territorial ultramarina.

Metodologicamente, procuramos identificar as estruturas que foram estabelecidas no processo de conquista e que tiveram um significado de resistência durante séculos, definindo forma e função para a área em análise. Portanto, para realizar este trabalho recorreremos: a) às fontes históricas que tratam das narrativas, crônicas e impressões deixadas pelos primeiros exploradores que chegaram ao Novo Mundo; b) às obras de cunho teórico sobre o conceito de região; e, c) às obras que tratam especificamente sobre as Guianas, sua formação, sua história, sua geografia, sendo parte da Amazônia, apesar das ambiguidades impostas pela colonização.

Da quimera do El Dorado (De Manoa) à formação das Guianas

Talvez pelo fato de ter conquistado uma autonomia política depois da metade do século XX na América do Sul, ou por ter uma história colonial diferente dos outros países da América do Sul, de origem ibérica, ou ainda, e talvez por causa disso, porque estiveram por mais tempo vinculadas à Europa, as Guianas parecem ficar às margens do continente sul-americano. Mais ainda quando se destaca que, diferente de Suriname e da República da Guiana, a Guiana Francesa é a própria França, uma coletividade territorial ultramarina daquele país europeu. E, por isso mesmo, sequer faz parte da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. Este é apenas um dos contornos que conformam a Região das Guianas, cuja formação territorial está envolta em fábulas, num imaginário construído desde o século XVI, quando da chegada dos europeus ao Novo Mundo. Veremos a seguir, fazendo uma síntese do artigo de Ugarte (2003), como esta região aparece nos relatos dos primeiros exploradores, sendo ela, na verdade, uma consequência de toda a ação colonial, conquistas e disputas realizadas ao longo do século XVI por espanhóis e portugueses, e, posteriormente, por ingleses, franceses e holandeses.

A saga da expansão colonial espanhola na América chega na Amazônia com a expedição de Vicente Pinzón, em 1500, quando encontra a foz do grande rio Amazonas e, impressionado com o volume, “batiza-o” de *mar dulce*. A partir daí, seguem-se outras expedições a partir de Quito, base política-administrativa colonial espanhola, para realizar o completo inventário da Amazônia: em 1538 Alonso de Mercadillo desce dos Andes até a região do atual médio rio Solimões a procura de metais preciosos; em 1541 é a expedição de Francisco Orellana com destino à Província de Canela, cujo relato deixado pelo Frei Gaspar de Carvajal sobre a viagem está carregado das maravilhas que viu e também do que não viu. É nesse momento que se transpõe para a Amazônia o mito das mulheres guerreiras, das Amazonas, que dará nome ao rio. Além disso, o cronista fala da cidade com ídolos de ouro e prata e das lagoas de onde

os indígenas extraíam o sal. A expedição chega no oceano Atlântico após nove meses e segue para a Espanha.

Ainda no século XVI, em 1560 ocorre a conturbada expedição de Pedro de Ursúa, que é assassinado por seu companheiro de viagem Lope de Aguirre, que passa a dirigir a viagem, denominada de Jornada de Omágua e Dorado: Omágua derivado do Reino dos indígenas de mesmo nome, e Dorado decorre das notícias dos lugares com muito ouro. Ugarte (2003, p.27) afirma que após a malograda expedição de Aguirre, os espanhóis não tentaram mais novas viagens sobre o rio Amazonas, deixando um “vazio de poder colonial na região”. E foi justamente isso que provocou a busca pelas riquezas da América do Sul por outros impérios coloniais concorrentes dos espanhóis, como os ingleses e holandeses, que também já navegavam os mares apropriando-se das terras aonde chegavam. A permanência do mito do *El Dorado* já era de domínio comum na Europa, estimulando outros exploradores na busca desse paraíso.

Na corrida da conquista colonial sobre o Novo Mundo, os ingleses, através da expedição de Walter Raleigh, realizada em 1595, na procura do *El Dorado*, atracou na costa norte da América do Sul. Em seu retorno à Londres, Raleigh publicou em 1596 seu diário de viagem intitulado “*The Discovery of the large, rich and beautiful Empire of Guiana, with a Relation of the great and golden citie of Manoa, wich the spaniards call El Dorado*”.

Aqui já começa a aparecer de modo mais claro a referência às Guianas, das quais Walter Raleigh, na cobiça de descobrir o *El Dorado*, percorre o litoral norte, à costa venezuelana, entra no rio Orinoco e vai em busca do Lago Parima e da cidade dourada de Manoa. Raleigh já possuía notícias dessa área a partir dos espanhóis e mesmo dos franceses, pois o padre franciscano francês André de Thevet já havia percorrido o litoral da América do Sul, passando pelo Rio de Janeiro e denominando o lugar de França Antártica, deixando seu relato, publicado em Paris em 1575.

A leitura do diário de Walter Raleigh está carregada de suas fantasias, dos devaneios e da incessante procura do ouro, tão necessário à Inglaterra nesse período. Quimera alimentada por aqueles que, a cada expedição, chegavam ao continente americano. Para Raleigh, o Império das Guianas havia sido conquistado, reedificado e engrandecido por um filho do Imperador do Peru chamado Guainicapa, derivando daí o nome Guiana¹. Continua seu relato afirmando que “o país tem mais quantidade de ouro, sem nenhuma dúvida, que as mais prósperas regiões da Índia e do Peru” (Raleigh, 1973 p.503). Seu deslumbramento com a suposta riqueza existente, construído somente a partir dos relatos de outros, é enorme, escrevendo, mais adiante em seu diário que: “Los españoles que han visto Manoa, la ciudad imperial de la Guayana, llamada por ellos el Dorado, me han asegurado que su grandeza, sus riquezas y su excelente emplazamiento son superiores a los de cualquiera otra del mundo, al menos del conocido por la nación española” (Raleigh, p.531).

A figura 1 é um mapa da Guiana produzido por Theodor de Bry em 1599 -*Tabula Geographica nova omnium oculis exhibens* – para a edição latina do livro de Raleigh, onde aparecem a cidade de Manoa, o lago Parima e as amazonas, além de uma fauna estranha à Amazônia.

¹ Há outros significados para a origem toponímica de Guiana. Hammond (apud Silva e Di Miceli, 2024, p.22), informa que o nome Guiana deriva da língua aruaque e significa ‘terra de muitas águas’, enquanto Lezy (2003A) indica que uma das traduções proposta para Guiana seria ‘país sem nome’ ou país que não deve ser nomeado.

Figura 1: Primeira representação da Guiana:



Fonte:gallica.bnf.fr

O encantamento de Walter Raleigh sobre as riquezas extraordinárias do Império das Guianas é efetivado sem mediações ou ponderações dos relatos e conversas que já circulavam na Europa. Para reforçar suas crenças e, de certo modo, convencer os financiadores de sua expedição, utiliza-se do livro de Lopez de Gomarra, "História Geral de las Indias", publicado em 1552 na Espanha, citando deste a monumentalidade da corte e o esplendor de Guaynacapa:

Todo el servicio de su casa, mesa y cozina era de oro, y de plata, y quando menos de plata, y cobre por más rezio. Tenía en su recámara estatuas huecas de oro que parecían gigantes, y las figuras al propio, y tamaño de cuantos animales, aves, árboles, y yervas produce la tierra, y de cuantos peces cria la mar y aguas de sus reynos" (Raleigh, p.532).

Ao longo do livro de Walter Raleigh encontra-se outras tantas passagens sobre a opulência do ouro existente em Manoa, porém as informações do ouro e da cidade dourada são sempre segundo outras pessoas e nunca algo visto por ele mesmo, que costumava exagerar sobre a existência do ouro em seu diário de viagem.

A disputa pela posse das terras do Novo Mundo no final do século XVI não estava mais somente entre Espanha e Portugal. Ingleses, franceses e holandeses já bordejavam as ilhas e o litoral da América em todas as latitudes, desde o Atlântico Norte, com a conquista do Quebec pela França, e depois pela Inglaterra na Baía de Hudson; passando pela disputa e conquista das Antilhas: Jamaica, Martinica, Guadalupe, Haiti, Curaçao, Aruba e o litoral das Guianas; chegando até o litoral brasileiro com a fundação da França Equinocial, hoje Maranhão, no início do século XVII, da França Antártica, no Rio de Janeiro e da invasão holandesa no Nordeste brasileiro em Pernambuco.

Os portugueses, por sua vez, não se acomodaram no limite de Tordesilhas. Talvez até tirando proveito da União Ibérica, lançam uma expedição em 1637 para subir o rio das Amazonas até a cidade de Quito, onde os espanhóis possuíam uma representação, a Audiência de Quito. Partindo de Belém, Pedro Teixeira tem como seu cronista de viagem o jesuíta Alonso de Rojas, cujo encanto com a dimensão do rio diz: “é este o famoso rio das Amazonas que corre e banha as terras mais férteis e povoadas que possui o reino do Peru e, sem usar de hipérboles, podemos qualificar pelo maior e mais célebre rio do Orbe” (Gondim, 1994, p.88). Seu “olhar mercantilista” observa o potencial de recursos da natureza como madeiras, resinas, fauna, flora, e, claro, minérios, como os adereços de ouro usados pelos nativos. Numa breve passagem, cita a necessidade de construir uma fortaleza num ponto estratégico do rio para evitar que os inimigos, os holandeses, aproveitem-se das riquezas da terra (Gondim, 1994, p.92).

Após um ano navegando contra as correntes do rio Amazonas, a expedição portuguesa, ao chegar em Quito, é convidada a retornar à Belém, sendo vigiada por dois jesuítas designados pela coroa espanhola: Andres de Artieda e Cristóbal de Acuña. Este último deixou um relato sobre tudo que viu na descida do rio e também do que ouviu. Comparou a região amazônica ao ‘Paraíso’, contudo, a quantidade de insetos existentes o fazia equivaler ao

inferno; estabeleceu uma divisão territorial a partir das diferenças culturais dos povos que habitavam as margens do rio, nomeando as províncias; e mais, localiza o Lago Dourado, cujas margens estão povoadas por diversos povos. Acuña, portanto, conhecedor dos relatos anteriores sobre o Novo Mundo, reproduz, acrescenta, ajusta, acredita e ao mesmo tempo duvida das maravilhas contadas sobre as mulheres guerreiras, dos índios com rabo e do Lago Dourado.

No campo científico em expansão na Europa havia um problema a ser resolvido que dizia respeito à forma exata da Terra. A Academia de Ciências, em Paris, resolveu enviar duas expedições para comprovação, uma destinada à Lapônia, e outra ao Equador, liderada por La Condamine, que se tornou o chefe da expedição iniciada em 1735. A descida pelo rio Amazonas até o oceano Atlântico só ocorre em 1743, quando La Condamine tem acesso aos arquivos dos jesuítas espanhóis e vê o mapa (figura 2) do rio elaborado por Samuel Fritz em 1707. No trajeto, realiza observações sobre índios, fauna e flora; revela aos europeus o uso da borracha natural pelos indígenas. Contudo, ao chegar na confluência do Rio Negro, La Condamine procura resolver um problema já colocado desde o século anterior: a ligação do rio Negro com o rio Orinoco. Ele próprio afirma que já havia recolhido várias provas dessa ligação e que a principal delas foi a informação de uma índia que lhe falou ter ido de barco do Orinoco ao Pará (La Condamine, 1992, p.84).

Figura 2: Carta dos cursos dos rios Marañón e o grande Amazonas.



Fonte: https://archive.org/details/relationabrgedun00laco_0/page/n27/mode/2up?view=theater

La Condamine, com um espírito mais científico que missionário ou explorador, estava mais interessado em confirmar a existência dessa ligação, uma descoberta geográfica, do que propriamente na existência da cidade de Manoa, do El Dorado, que custou, inclusive, a vida de Walter Raleigh. Diz ele: “Foi nessa ilha, a maior do mundo conhecido, ou antes nessa nova Mesopotâmia formada pelo Amazonas e o Orinoco, ligados entre si pelo rio Negro, que se procurou por muito tempo o pretenso lago dourado de Parima e a cidade imaginária de Manoa d’El Dorado...”(La Condamine, 1992, p.86). É, portanto, com La Condamine, que se confirma, por um lado, a existência do canal de Cassiquiare, ligando as bacias do Orinoco e do Amazonas, através do rio Negro; e por outro, que seria fábula a existência de uma cidade cujos telhados eram de ouro.

No final do século XVIII a formação de impérios coloniais já estava presente em todos os lugares do planeta. Os holandeses já haviam se apossado da África do Sul; os ingleses já estavam na Índia e na Austrália; os franceses dominavam o norte da África, chegam ao oceano Pacífico; espanhóis e portugueses também navegavam e conquistavam possessões em outros pontos da Terra. O objetivo, além de comercial, era realizar o inventário científico de fauna, flora, povos e seus costumes. Embora a Alemanha não participe da conquista colonial por questões associadas à formação do Estado alemão, o desenvolvimento científico, a filosofia e as artes legaram à humanidade intelectuais cuja contribuição foi fundamental, como Hegel, Kant, Goethe, Herder e Humboldt. Este último, então, realizou uma das principais expedições científicas à América espanhola e tinha também como objetivo chegar à região das Guianas para, dentre outras atividades científicas, descobrir a ligação das bacias do rio Orinoco e do rio Amazonas. Partiu de Coruña em 1799 com seu amigo botânico Aimé

Bonpland e uma autorização do Rei da Espanha, Carlos IV, para ingressar em terras espanholas na América.

Humboldt, no capítulo XXVIII do livro “Viagem às regiões equinociais do Novo Mundo”, dedicado ao Rio Negro, na fronteira brasileira com a capitania geral de Caracas, apontou dois problemas dessa sua viagem às nascentes do rio Orinoco: a ligação do rio Negro com o rio Orinoco e o mito local do El Dorado. Ele realiza uma turbulenta viagem pelo Cassiquiare, enfrentando as corredeiras, os jacarés e os mosquitos e formigas, que, pelo visto, era o maior tormento de Humboldt. Quanto ao mito da cidade dourada, “do país do ouro, que tanto sangue e lágrima custou aos moradores do Novo Mundo” (Humboldt, 1971, p.457), e do Lago Parima, representado em diversos mapas que ele havia consultado, já não havia mais dúvida de que se tratava de uma ilusão dos antigos conquistadores.

Embora os mitos da cidade dourada e do lago Parima tenham sido desfeitos no início do século XIX, Humboldt orgulhava-se de ter comprovado a existência da ligação entre o rio Negro e o rio Orinoco. “A minha viagem, diz ele, destruiu completamente, creio, as dúvidas que um geógrafo célebre, Buache², tinha suscitado sobre a possibilidade de comunicação entre o Orinoco e o Amazonas. Prossegue seu relato dizendo: “naveguei trezentas e oitenta léguas pelo interior do continente, desde as fronteiras do Brasil até as costas de Caracas, passando do rio Negro ao Orinoco, através do Cassiquiare” (Humboldt, 1950, p.218). Ou seja, a mesopotâmia que La Condamine havia indicado existir, contornando as guianas, estava confirmada.

² Trata-se de Phillipe Buache (1700-1773), geógrafo francês estudioso das bacias hidrográficas.

Foi a partir deste limite natural que Elisee Reclus (1894), embora não convencido de que seria de fato uma “ilha”, escreveu em sua Nova Geografia Universal sobre a Guiana indicando que:

Ainsi comprise, la Guyane constitue une part bien déterminée de l'Amérique du Sud: tout l'espace ovalaire, d'une superficie d'environ 2 millions de kilomètres carrés, que le cours de l'Orénoque, ceux du Cassiquiare, du rio Negro et du bas Amazone séparent de la masse continentale (Reclus, 1894, p.2)³.

Entre a viagem de Humboldt e a descrição de Reclus muitas mudanças ocorreram nessa área, principalmente aquelas de caráter político. Quando Humboldt realizou sua expedição ainda havia uma condição colonial, a repartição predominante na América do Sul entre Espanha e Portugal, todavia, as terras da Guiana, apareciam como um enclave sendo dividida por franceses, ingleses e holandeses. A própria região da foz do Orinoco, em terras espanholas, era denominada de Guiana espanhola, assim como se chegou a denominar, posteriormente, o Amapá como a “Guiana brasileira”. Reclus, ao contrário, já descreve uma região repartida entre os Estados nacionais independentes e a permanência colonial das Guianas francesa, inglesa e holandesa.

Como visto, o recorte espacial desta área ao Norte da América do Sul, esteve permeado por registros que foram da fantasia sobre a existência de uma cidade dourada à aventura de conquistadores e cientistas para comprovar a veracidade de uma ligação fluvial entre o rio Negro e o rio Orinoco. Os limites, portanto, foram definidos a partir dessas bacias hidrográficas, envolvendo toda a área correspondente às terras da margem direita do rio Orinoco, margem esquerda do rio Negro, seguindo pela margem esquerda do rio

³ Assim entendida, a Guiana constitui uma parte bem definida da América do Sul: todo o espaço oval, cobrindo uma área de cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados, que os cursos do Orinoco, os do Cassiquiare, do Rio Negro e do baixo Amazonas separam da massa continental. RECLUS, Élisée. Nouvelle Géographie Universale. Tomo XIX L'Amazonie et la Plata. Paris: Librairie Hachette, 1894.

Amazonas até a foz, seguindo daí pelo oceano Atlântico até a foz do rio Orinoco.

Os contornos possíveis das Guianas

Estabelecer recortes espaciais tomando como referência os elementos da Natureza está na base do procedimento clássico da Geografia há séculos, antes mesmo da sistematização promovida pela Geografia moderna. Novas reflexões colocam em xeque essa obviedade da ordem natural, fortemente arraigada nesta ciência, cuja âncora era a objetividade. A incorporação de uma dimensão histórica, cultural, econômica e mesmo política, destrona a primazia da região natural e qualquer explicação que se ampare nessa dimensão. A região natural, como menciona Fremont (1980), tranquiliza o especialista pela imposição de sua unidade.

Neste sentido, queremos daqui para frente pontuar algumas questões que merecem atenção sobre o recorte espacial que estamos tratando, a região das Guianas, visando contribuir com o pensamento crítico a propósito das múltiplas possibilidades dessa regionalização.

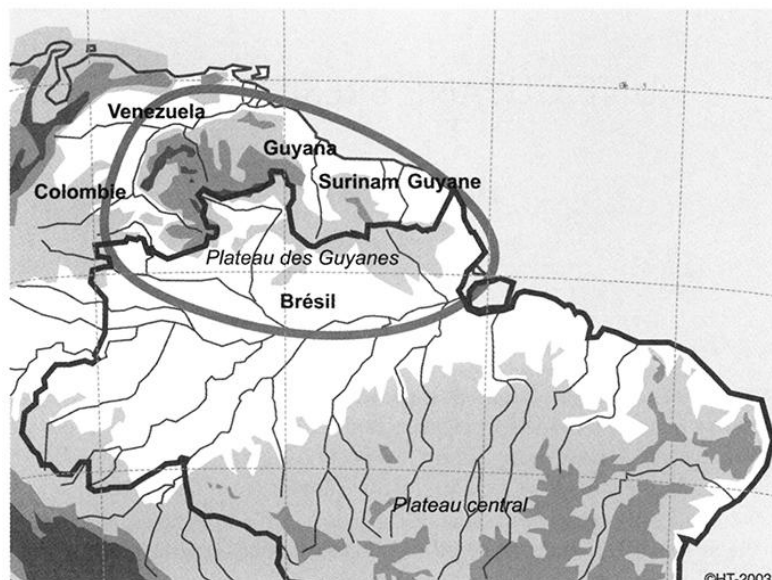
Assimilou-se que esta “ilha”, anunciada por La Condamine, confirmada por Humboldt e difundida por Reclus, constituiria uma região, cuja unidade seria dada pela homogeneidade florestal. Todavia, é necessário reconhecer que os recortes não são *ad aeternum*, podendo receber novos traços, sendo essa “fluidez” demarcada por outros conteúdos.

Emmanuel Lezy (2003A), por exemplo, indica que a unidade guianesa está relegada à lenda; que o desmembramento colonial se tornou a única realidade geográfica legal porque pertenceu a Estados nacionais, sendo, enfim, transformada em depósito de escravos, depósito de prisioneiro e lugar de seitas sangrentas. É, segundo ele, um lugar sem identidade nacional, uma “terra de ninguém” (Lezy, 2003A, p.14), pela forma como ela foi ocupada. Lezy (2003b) recupera ainda das narrativas da viagem de Cristóvão Colombo a

imagem paradisíaca desse lugar, em que ele dizia ter encontrado o paraíso terrestre (Lezy, 2003B, p.41).

Outra contribuição sobre as Guianas vem de Thery (2003), quando ele se interroga se existiria uma Guiana brasileira. Para o autor, quando se coloca a pergunta aos brasileiros, a resposta é negativa, não haveria nenhum reconhecimento à área definida como grande Guiana. A região oval que Reclus recorta e Thery representa (figura 3), entre as embocaduras dos rios Orinoco e Amazonas, incluiria os estados de Roraima, Amapá e toda a porção da margem esquerda do rio Amazonas no Estado do Pará e Amazonas. Entretanto, Thery (2003) já anunciava a tendência de uma maior aproximação desta área remota do território brasileiro com outra área remota da América do Sul, a partir da abertura de eixos de circulação como a ponte ligando as cidades de Oiapoque-AP e Saint-George d'Oiapoque, na Coletividade Territorial da Guiana Francesa; assim como a ampliação comercial entre Bonfim-RR e Lethem, na República da Guiana.

Figura 3: Região das Guianas



Fonte: Théry (2003).

Mais recentemente tem surgido trabalhos que procuram dar visibilidade às Guianas, ressaltando formas de integração seja institucional ou social, tanto

na fronteira como em escala nacional, apresentando as características desses vínculos. Silva (2016), por exemplo, reconhecendo que esta região é pouco estudada, aborda as formas de cooperação e litígios transfronteiriços; Silva e Di Miceli (2024, p. 22), num livro recente que trata do território, da história e da cultura, apontam as divergências em torno da extensão dessa região, distinguindo, inclusive, aquilo que se denomina platô das guianas, uma referência geológica, e a região das guianas, cuja composição envolve cultura, história e geografia; Porto (2024) faz uma abordagem das formas de integração econômica nessa região, mostrando a diversidade de espacialidades e institucionalidades da região das Guianas, assumindo o mesmo recorte espacial.

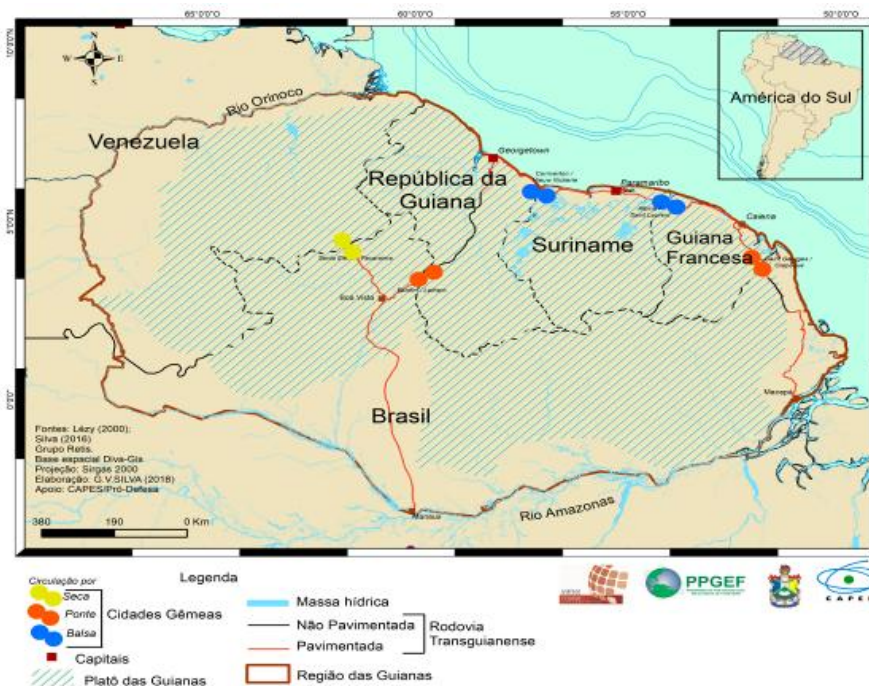
Consciente da existência das diversas possibilidades de recorte espacial que podem ser realizados para a identificação de uma região, dos métodos que podem ser utilizados e do apoio teórico mobilizado para tal, apontamos algumas problematizações a propósito dessa região no sentido de colocar em suspensão a partição estabelecida, os limites concebidos, por serem vencidos pela história.

Verifica-se que a delimitação até então consolidada, pautada num semicírculo cujas balizas são a margem esquerda do rio Amazonas ao Sul, margem direita do rio Orinoco ao Norte, margem esquerda do rio Negro à Oeste e oceano Atlântico à leste, tem como elemento-chave de referência diferentes bacias hidrográficas. Seria um imperativo natural conformando aquilo que a geografia define como região natural, apesar de elas terem divisores de águas que as fazem correr em direções opostas, sugerindo muito mais uma separação que uma integração, impondo, inclusive, obstáculo para encontrar uma homogeneidade. A unidade fisiográfica, neste caso, poderia ser dada muito mais pela vegetação (floresta equatorial úmida) e clima, do que propriamente pelos cursos de água. Aliás, é exatamente por isso que as linhas divisórias da bacia amazônica não incluem as guianas, pois o platô de

montanhas, o planalto das guianas, existentes divide as nascentes, vertendo rios em direção ao oceano Atlântico e para a calha do rio Amazonas.

Caso seguissemos na orientação de procurar compreender os limites da região das guianas a partir da concepção de regiões funcionais, certamente encontraríamos dificuldade para aí enquadrá-la. Vejamos: as regiões funcionais têm por característica principal a noção de coesão, que, regra geral, se dá em torno de uma hierarquização de polos, de cidades, que orientam, capturam e comandam os fluxos internos a este recorte, predominando fluxos de caráter econômico, muito embora outros fluxos seguem o mesmo caminho. Observando as cidades existentes no recorte espacial “região das guianas”, verifica-se que Manaus encontra-se aí envolvida, conforme figura 4.

Figura 4: Ilha das Guianas e sua representação acadêmica atual.



Fonte: Silva *et al* (2019).

Adverte-se aqui para esta situação, uma vez que é a maior cidade da dita região, mas não polariza outras cidades das guianas clássicas, como Caiena, Paramaribo ou Georgetown. Não há interação entre elas, seus habitantes, comércio, etc. Poderíamos até argumentar que a fronteira com Peru e

Colômbia, distante cerca de 1.000 quilômetros possui maior vínculo com Manaus, e é polarizada por ela, de que a fronteira com as Guianas. Na verdade, a inclusão de Manaus nessa região distorce, desequilibra e até mistifica o recorte regional, pois esta cidade não forjou a região, como afirmava Jean Labasse (1973) em seus estudos sobre a organização do espaço.

O percurso das reflexões sobre a geografia regional não se deteve apenas nos aspectos naturais ou funcionais, prisioneiro, em grande medida, da objetividade, do visível que é imposto, majoritariamente, pela paisagem. Outros aspectos, entretanto, menos aparentes, foram incorporados nesse processo de compreender o que é uma região, partindo não propriamente daquilo que se observa ou daqueles fenômenos que constroem os fluxos e as ligações entre as partes componentes. Buscou-se compreender como os sujeitos, os homens e mulheres que a habitam elaboram sentidos e significados que lhes dão unidade. O passo inicial parece ter sido dado por Armand Fremont (1980), o principal formulador de uma concepção onde a identidade regional é formada a partir de elementos que são vividos por seus habitantes. A cultura seria, portanto, um ingrediente fundamental para a identificação e mesmo os limites regionais.

Certamente esse foi um caminho tomado por Lezy (2005) quando, partindo dos escritos do poeta, político e negro, Leon Damas (1912-1978), originário da guiana francesa, procurou fazer uma geografia vernacular da Guiana, destacando imagens de uma guiana branca e outra negra, particular e global, uma versão oficial e outra indígena e, ainda, uma geografia pautada sob o duplo signo da serpente que demarca (rios Orinoco e Amazonas), e da tartaruga, que conforma o território da guiana. Seguindo nesta direção, é importante salientar a multiplicidade de etnias existentes nessa grande região, desde aquelas originárias do tronco caribe, passando pelo aruak e tupi, e cada etnia com uma cosmogonia, com uma forma de relacionamento com a natureza, que se altera com a colonização, ela própria construtora de outra

identidade, seja de caráter cultural (linguístico, religioso) ou política (regional ou nacional).

Esse último ponto é, de certo modo, crucial para nos interrogarmos sobre a unidade da região das guianas: no sentido da identidade nacional verifica-se que ela é fragmentada em cinco Estados nacionais Brasil, Venezuela, República da Guiana, Suriname e França. Reconhecer aí uma amálgama é precipitado porque a própria formação nacional fez com que cada parte direcionasse suas ações para lados opostos: o Norte do Brasil é voltado para o centro-sul do país; a guiana venezuelana volta-se para o centro do país; as clássicas três guianas olham mais para o Caribe e Europa de que propriamente para a América do Sul, além do fato de pouco se articularem entre si. E mesmo que quiséssemos encontrar integração no interior dessa grande região não teríamos sucesso, pois seria uma região sem regionalismo, seja no sentido político, quando ocorre uma “movimentação política de grupos dominantes numa região em defesa de interesses específicos frente a outros grupos dominantes de outras regiões ou ao próprio Estado”(Castro, 1992, p.47), seja no sentido cultural, quando representações e significados são mobilizados para dar coesão a determinado grupo social, são, enfim, espaços de referências apropriados pelo grupo (Bezzi, 2002). No limite, apenas os pequenos movimentos fronteiros, pendulares, colocam “cara a cara” os sujeitos que habitam a faixa de fronteira.

Considerações finais

A noção de região está tão fortemente impregnada na vida social, no linguajar comum, tão corriqueiramente utilizada para indicar uma determinada porção do espaço terrestre, que se chega a acreditar que ela não está submetida à reflexão mais aguda. O avanço teórico na Geografia sobre

esse conceito-chave demonstra que há métodos diversos para realizar os recortes regionais.

Os esforços empreendidos por autores que de longa data se debruçam sobre essa região pouco conhecida, trazem contribuições que são relevantes para dar maior visibilidade às Guianas, compreender sua geografia, sua história, sua cultura e as formas de inserção/exclusão no sistema mundo em diversos momentos de sua formação.

Nossa contribuição vem no sentido de mostrar a necessária cautela nos processos de delimitação regional, uma vez que a densa produção teórica disponível existe para evitar o arbítrio nos recortes efetuados, que podem envolver variáveis díspares, ou eliminar outras que podem ajudar na compreensão de uma formação regional.

Referências

- BEZZI, Mery. Região como foco de identidade cultural. **Revista Geografia**, v. 27, n. 1, 2002.
- CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade**: por uma nova compreensão da geografia e da regionalização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologie des Geographie**. Paris: Armand Colin, 2007.
- FRÉMONT, Armand. **Região**: espaço vivido. Lisboa: Almedina, 1980.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HAESBAERT, Rogério. **Regional-global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Del Orinoco al Amazonas**. Habana: Instituto Cubano del Libro, 1971.
- HUMBOLDT, Alexandre von. **Quadros da natureza**. v. 1. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1950.
- LABASSE, Jean. **La organización del espacio**: elementos de geografía aplicada. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1973. 752 p.
- LA CONDAMINE, Charles-Marie. **Viagem pelo Amazonas (1735-1745)**. São Paulo: Nova Fronteira; EDUSP, 1992.

LEZY, Emmanuel. **L'impalpable et incontournable unité de la Guyane. Cahiers des Amériques Latines**, [online], n. 43, 2003. Disponível em: [Inserir URL]. Acesso em: [Inserir data de acesso].

LEZY, Emmanuel. **La Guyane, un territoire de légendes, en marge de toutes les cartes. Cahiers des Amériques Latines**, [online], n. 43, 2003. Disponível em: [Inserir URL]. Acesso em: [Inserir data de acesso].

LEZY, Emmanuel. Le chemin de Léon Damas, sur les traces de la Tortue. Vers une géographie "vernaculaire" de la Guyane? **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, v. 82, n. 3, p. 358-380, set. 2005.

PORTO, J.; GONZALEZ, R. A região das Guianas: das espacialidades às institucionalidades. In: SILVA, Gutemberg (org.). **A Região das Guianas: resiliência, desenvolvimento e cooperação regional**. Macapá: Potedes/Unifap, 2024.

RALEIGH, Walter. El descubrimiento del vasto, rico y hermoso imperio de la Guyana, con un relato de la poderosa y dorada ciudad de Manoa (que los españoles llaman El Dorado) y de las provincias de Emeria, Arrómala, Amapaia y otros países y ríos limítrofes. In: RAMOS, Demetrio (org.). **El mito del Dorado**. Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1973.

RECLUS, Elisée. **Nouvelle géographie universelle: la terre et les hommes**. Disponível em: <https://archive.org/details/nouvellegeograph00recl>. Acesso em: 8 mar. 2025.

SILVA, G.; DI MICELI, I. Iconografia das fronteiras das Guianas. **Confins**, [online], n. 39, 2019. Disponível em: [Inserir URL]. Acesso em: [Inserir data de acesso].

SILVA, Gutemberg. Litígios transfronteiriços na região das Guianas: questões geopolíticas na interface entre a Amazônia e o Caribe. In: **A integração sul-americana e a inserção das regiões periféricas**. Rio de Janeiro: Letra1, 2016.

THÉRY, Hervé. **Une Guyane brésilienne? Cahiers des Amériques Latines**, [online], n. 43, 2003. Disponível em: [Inserir URL]. Acesso em: [Inserir data de acesso].

UGARTE, Auxiliomar S. Margens míticas: A Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: DEL PRIORI, Mary; GOMES, Flávio (org.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais. Programa de Pós-graduação em Geografia. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Autor

Ricardo José Batista Nogueira Professor Titular da Universidade Federal do Amazonas, no Departamento de Geografia. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas; Mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio de Pós-doutoramento na Universidade de Brasília - UNB. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Política e Regionalização, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento regional, fronteira, redes geográficas, Amazônia e meio ambiente.